BOAS PRÁTICAS DE MANEJO E O SEQUESTRO DE CARBONO NO SOLO

EDUARDO BASTOS
Diretor de Sustentabilidade da Bayer para a América Latina

HÁ MUITO tempo, discute-se a relevância da criação de um mercado global de créditos de carbono, que poderá recompensar os países pela redução das emissões de gases do efeito estufa (GEE), estimulando o cumprimento das metas estabelecidas no Acordo de Paris. A aprovação da proposta para viabilizá-lo – com a validação do artigo 6º do Acordo de Paris após a 26ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP-26/UNFCCC, nas siglas em inglês), que apresenta regras para a comercialização dos créditos – aproxima, sem dúvida, esse sistema da realidade em um futuro cada vez mais próximo.

Com biomas diversos e proporções continentais, o Brasil tem um enorme potencial de se beneficiar desse mecanismo. Segundo o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) em uma nota técnica divulgada recentemente, os ganhos do País poderão chegar a US$ 72 bilhões até 2030. Nesse cenário, uma das respostas para criar ações efetivas que ajudem a mitigar as emissões e retirar carbono da atmosfera está na própria natureza, por meio de soluções baseadas na natureza (SbN) e boas práticas de manejo no campo.

A agricultura brasileira tem a vantagem de já ser uma das mais sustentáveis do mundo, utilizando, há décadas, práticas com grande potencial de sequestrar carbono no solo, como, por exemplo, o plantio direto, a rotação de culturas e a adoção de cultivos de cobertura. Ao intensificar a aplicação dessas práticas de forma mais precisa e direcionada, com o apoio de tecnologia e o acompanhamento de cada talhão, é possível ampliar o potencial de captura de carbono no solo e a redução de emissões de GEE, abrindo um horizonte de oportunidades para criar um ecossistema de carbono no setor ao mesmo tempo em que se alcança uma maior produtividade.

SHUTTERSTOCK



PRODUTIVIDADE E SUSTENTABILIDADE NA LAVOURA ANDAM JUNTAS NA PRÁTICA

Diversos exemplos podem ajudar a comprovar isso, como mostram os produtores participantes da iniciativa Carbono Bayer, que beneficia e apoia os agricultores que adotarem práticas sustentáveis. O Grupo Aurora é um dos beneficiados e tem conseguido resultados positivos a partir da adoção de plantio direto e do uso preciso de corretivos do solo e de culturas de cobertura nas suas fazendas, que cultivam 9.000 hectares de grãos em Cruz Alta-RS.

O desafio do Grupo na região é a retenção de água e nutrientes no solo. Para isso, são feitas a irrigação e a fertilização nos talhões, em conjunto com o investimento em boas práticas agrícolas, o que contribui para uma área de alto potencial produtivo. A fertilização nas fazendas do Grupo tem início no inverno. Na safrinha, cultiva-se um *mix* de plantas de cobertura em 30% da área; em outros 30%, gramíneas; e, no restante, trigo, cevada e aveia. Esse processo é rotativo a cada ciclo, proporcionando a fertilidade e a descompactação do solo.

Há dez anos, quando não eram implementadas todas essas boas práticas, a média do grupo era de 55 sacas de soja por hectare. Hoje, com a evolução da genética e da pesquisa no manejo mais sustentável na lavoura, foi possível aumentar até 30% do potencial produtivo, atingindo uma média de até 80 sacas por hectare. Isso apenas comprova o quanto uma maior produtividade na lavoura está associada ao investimento em processos de menor impacto ambiental no campo.



CUIDADO COM O SOLO É A CHAVE PARA ENFRENTAR A INSTABILIDADE DO CLIMA

Com a união de diferentes práticas de manejo, o Grupo Aurora tem conseguido mitigar os impactos dos veranicos e o estresse dos períodos de estiagem, que foram comuns no Rio Grande do Sul na última safra. A adubação verde, que auxilia na melhor infiltração da água da chuva no solo, também é adotada nas fazendas. A prática traz vários benefícios à lavoura, como efeitos culturais contra a incidência de plantas daninhas e proteção contra erosões, sendo, também, um dos caminhos para o sequestro de carbono na lavoura.

A adoção de práticas de manejo e de plantio direto melhora consideravelmente a qualidade do solo, que é a base de qualquer cultivo, sendo fundamental para enfrentar instabilidades do clima, como a seca. Outro exemplo nesse sentido é o Grupo Sementes Vitória, que cultiva soja em pouco mais de 3.300 hectares em Rio Verde-GO e conseguiu enfrentar a falta de chuvas – que acometeu a região por 22 dias em 2020 – por meio do uso de vegetação de cobertura e da rotação de culturas, explorando mais o solo no seu perfil.

Na fazenda, é realizado o plantio da oleaginosa em rotação com a braquiária em 900 hectares, durante a entressafra. A prática é utilizada há quatro anos, não apenas pensando no solo, mas também na pastagem do gado. Por meio das análises de dados da fazenda por talhão, foi constatado que esse manejo, junto à correção do solo com calcário e gesso, representou uma diferença, em média, de 4 a 5 sacas a mais por hectare. As áreas do Grupo Sementes Vitória destinadas à iniciativa Carbono Bayer vêm passando por análises construídas desde a safra 2020/21, que permitiram adotar as correções necessárias no manejo do talhão para alcançar melhores resultados nos ciclos seguintes.

A experiência indica que boas práticas agrícolas, associadas a um manejo que permita o sequestro de carbono na lavoura, trarão, certamente, mais produtividade para a agricultura brasileira. Sem dúvida, a integração de uma maior inteligência no campo, com base em ciência e tecnologia de ponta, permitirá viabilizar um modelo economicamente atrativo, em que atores como indústrias, bancos, governos, acadêmicos e empresas de diferentes setores possam se unir para criar soluções abrangentes intersetoriais. No caso de países com uma rica biodiversidade como o Brasil, é uma grande oportunidade para recompensar a preservação ambiental e provar que sustentabilidade e lucratividade devem andar juntas. ■